

Propostas agroecolóxicas ao industrialismo

recursos compartidos
e respostas colectivas

Libro financiado pola rede Revolta

gieea
grupo de investigación
en economía ecolóxica
e agroecoloxía


REVOLTA
rede de agroecoloxía

USC
UNIVERSIDADE
DE SANTIAGO
DE COMPOSTELA



UNIÓN EUROPEA

Fondo Europeo de
Desenvolvemento Rexional

<http://revolta.usc.es/gl/>

Propostas agroecolóxicas ao industrialismo. Recursos compartidos e respostas colectivas

Coordenadores | Xavier Simón Fernández e Damián Copena Rodríguez

Edita | Grupo de Investigación en Economía Ecolóxica e Agroecoloxía,

Xavier Simón Fernández e Damián Copena Rodríguez

Ano | 2014

Deseño e maquetación | seteseoito deseño gráfico

ISBN | 978-84-617-2311-9

Nº rexistro | 201470895

As hortas urbanas do Instituto politécnico de Bragança. Perfil dos utilizadores, motivações e importância da produção no consumo familiar

✉ Diana Peixinho¹, Sílvia Nobre², M Ângelo Rodrigues³

RESUMO

A agricultura urbana é um fenómeno generalizado em todo o mundo. Nas grandes cidades dos países em desenvolvimento e em épocas de crise económica nos países desenvolvidos, a criação de espaços para agricultura urbana tem sido um instrumento político de grande valor social que permite aumentar a segurança alimentar e mitigar a pobreza e o desemprego. Recentemente, têm surgido projetos de agricultura urbana em cidades de países desenvolvidos destinados a assegurar atividade social e qualidade de vida aos seus cidadãos. São espaços de convívio, desporto e lazer, onde as pessoas relaxam do stresse acumulado de um dia de trabalho.

Nas instalações da escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Bragança surge em 2011 o projeto Hortas Comunitárias do IPB, desenvolvido pela Associação Cultural e Recreativa do Pessoal do Instituto Politécnico de Bragança (IPB). Esta iniciativa surge a partir da vontade de criação de espaços multifuncionais em torno dos conceitos de alimentação saudável, sustentabilidade dos recursos naturais e lazer. Assim, o projecto promove a prática de horticultura de lazer, privilegiando a agricultura biológica e sustentável, com o intuito de fomentar a convivência interpessoal e com a natureza, e a alimentação saudável dos seus utilizadores. Inicialmente restrito ao ambiente académico, rapidamente se expandiu à cidade imprimindo uma maior diversidade nos intervenientes.

Este trabalho reflecte a necessidade de conhecer quem são os utilizadores das hortas do IPB, quais as suas motivações e o que fazem para alcançar os seus objetivos. Devido às suas diferentes origens, vivencias, idades e conhecimentos é possível encontrar, neste pequeno espaço, diferentes formas de estar perante a prática agrícola.

1 peinhodaqui@gmail.com, Instituto Politécnico de Bragança, 5301-855, Bragança, Portugal

2 Departamento de Ciências Sociais e Exatas, Centro de Investigação de Montanha – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

3 Departamento de Produção e Tecnologia Vegetal, Centro de Investigação de Montanha – Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Entre Novembro de 2012 e Julho de 2013 foi feita uma inquirição aos hortelãos segundo a técnica de entrevista, escrita e gravada, de forma a obter informação qualitativa e quantitativa referente a dados pessoais dos mesmos e às hortas que cultivam. Foram inquiridos 88 hortelãos, utilizadores de 51 hortas num universo total de 120 hortas.

Assim foi possível traçar um perfil sócio-económico dos utilizadores a partir dos dados recolhidos e ainda perceber a importância da produção hortícola no agregado familiar.

Partindo de dados fornecidos na entrevista foi possível concluir que a produção de uma horta com 50 m² no período de primavera/verão permite que o agregado familiar reduza as suas compras em legumes, quer nos meses de maior produção quer nos meses seguintes, sendo que muitas vezes o tempo de duração do consumo chega a um ano. Foi possível ainda contabilizar, para um caso, as produções colhidas numa horta, calculando em seguida o valor da produção utilizada no consumo familiar.

Palavras chave: Agricultura urbana, Horta urbana, Produção de uma horta, Perfil sócio-económico;

1. HORTAS URBANAS

O conceito de horta urbana remete para a definição de agricultura urbana que, segundo a FAO, é definida como o cultivo de plantas e produção de animais em pequenas áreas dentro das cidades (FAO, 2014).

Mougeot (1999) define agricultura urbana como a atividade que se desenvolve dentro ou nas proximidades de uma cidade, e que produz e distribui uma grande diversidade de produtos alimentares.

A agricultura urbana fornece vários produtos enriquecendo a alimentação daqueles que a praticam sendo mais relevante nas grandes cidades de países em vias de desenvolvimento onde existe maior pobreza e consequentemente maior escassez de alimentos. Está também associada, em todo mundo a épocas de crise económica sendo um instrumento político eficaz na mitigação da pobreza (Rodrigues *et al*, 2013).

No contexto nacional, a prática de agricultura urbana surgiu nos grandes centros urbanos. Em pequenos espaços as pessoas, muitas delas com fortes ligações ao meio rural, cultivavam algumas hortícolas de modo a obter alimentos de melhor qualidade e de forma a contribuir para o orçamento familiar.

O exercício de agricultura urbana, idêntico à agricultura praticada em meio rural em termos de métodos e policultura, difere desta relativamente ao espaço físico, não só por se encontrar em meio urbano mas pelo aproveitamento de espaços como por exemplo varandas e o aproveitamento dos mais variados recipientes para a produção hortícola.

Atualmente, esta prática encontra-se associada a camaras municipais e instituições públicas que promovem a sustentabilidade das cidades ou a sensibilização da população para o contato com a natureza ou a alimentação saudável.

Assim, se no passado as hortas urbanas surgiam por improviso e vontade da população das grandes cidades de formas mais ou menos casuística em áreas intersticiais, agora surgem planeadas e planificadas de acordo com as necessidades da população local e não exclusivamente em grandes centros urbanos. Ainda assim continuam restritivas em termos de área, com produções destinadas ao autoconsumo e, por norma, dedicação parcial dos seus utilizadores (Pinto, 2007).

Nas designações destes espaços muitas vezes aparecem as palavras social, comunitária, pedagógica ou de lazer sugerindo partilha de recursos e de conhecimentos entre os utilizadores bem como a promoção de qualidade de vida.

As motivações de quem pratica esta atividade também se diversificaram. A produção de hortícolas por vontade de adquirir uma alimentação mais saudável ou por gestão do orçamento familiar são dois motivos constantes para integrar esta atividade, no entanto aspetos relacionados com o lazer, o contato com a natureza, o exercício físico, o convívio e com a preocupação de consumo de produtos hortícolas biológicos são agora também razões que movem a população na ocupação destes espaços multifuncionais (Matos, 2010).

2. LOCALIZAÇÃO

As hortas do IPB situam-se em Bragança, uma cidade do nordeste transmontano cujo concelho, com 35341 habitantes tem, à semelhança de todo o interior do território português, forte ligação ao meio rural e à agricultura. A cidade, capital de distrito homónimo tem 23099 residentes numa área de 2708,7 ha (INE, 2011).

À semelhança do surgimento de muitas das hortas urbanas em Portugal cujo incentivo parte de instituições públicas como as hortas de Cascais (Abreu, 2012) ou de Aveiro (Leite, 2012) também as hortas do presente estudo surgem em espaço urbano pertencente ao Instituto Politécnico de Bragança (IPB), Instituição pública de ensino superior com estreita ligação com a população brigantina e que visa também promover atividades de ligação à sociedade nomeadamente de difusão, transferência e valorização de conhecimento (IPB, 2014).

No sentido de criar atividade social e aumentar a qualidade de vida da comunidade, a Associação Cultural e Recreativa do Pessoal do Instituto Politécnico de Bragança (ACRPipb) com o apoio da Escola Superior Agrária (ESA), promove desde 2011 a prática de agricultura urbana, privilegiando a agricultura biológica e sustentável. O projeto, inicialmente restrito à comunidade académica, começou com 36 hortas mas depressa se alargou à população da cidade com um aumento de 84 hortas, criando diversidade de conhecimento agrícola devido à origem e vivências dos seus utilizadores.

Num total de 120 hortas, com aproximadamente 50m² cada, existem pessoas que sempre viveram em meio rural, outras apenas tiveram contato com este meio na sua infância, outras ainda nunca tiveram qualquer contato com a agricultura e a preparação de uma horta é por si só um desafio.

Este espaço urbano dedicado à agricultura é muito dinâmico quer a nível agronómico, nas mudanças de culturas e práticas culturais, quer a nível de mudanças de utilizadores – existem aqueles que vão embora e novos que entram- e de hortas trocadas entre hortelãos.

3. A AMPLITUDE DO ESTUDO

Este estudo foi realizado no âmbito de dissertação de tese para obtenção do grau de mestre em Agroecologia. É composto pela análise das Hortas do IPB assente em duas áreas de conhecimento distintas: as ciências agronómicas e as ciências económicas e sociais.

Numa primeira fase foi feito um levantamento das práticas agrícolas de maior relevância agronómica praticadas pelos utilizadores. Essas práticas ficaram registadas fotograficamente. Numa segunda fase, foi realizado aleatoriamente, um inquérito exploratório aos utilizadores, com primazia para aqueles que apresentavam práticas culturais distintas dos demais de forma a compreender as razões das escolhas de diferentes métodos de produção hortícola.

O inquérito, composto inicialmente por questões fechadas, de fato sobre os inquiridos, continha também perguntas abertas de cariz agronómico de forma a perceber quais as razões, e o que esperavam os hortelãos

obter, com determinadas operações culturais. Por fim os utilizadores foram inquiridos sobre a sua ligação à agricultura, as suas produções e as suas motivações relativamente à prática de horticultura urbana.

Foram realizados 51 questionários em dois períodos: 14, de Agosto a Novembro de 2012 e 37, de Maio a Julho de 2013, que correspondem às épocas de maior permanência nas hortas. Os questionários foram realizados sempre junto à horta correspondente ao hortelão entrevistado para que o entrevistador pudesse visualizar as técnicas culturais utilizadas. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para auxílio na sua análise.

4. AS HORTAS E OS SEUS UTILIZADORES

Conforme foi referido anteriormente, a população em análise é bastante diversificada, à semelhança de estudos homólogos como o elaborado por Saraiva, A.R. (2011) em Oeiras.

Os hortelãos entrevistados são aqueles que usualmente trabalhavam na horta, estando cada uma associada a um entrevistado. Note-se que cada horta era trabalhada, na sua maioria por mais de uma pessoa e que a unidade horta considerada no trabalho, algumas vezes, corresponde a mais do que um talhão de 50m². Assim, foram entrevistados 51 hortelãos (51 hortas) mas obteve-se informação sobre 78 pessoas.

4.1. CARATERIZAÇÃO DOS UTILIZADORES DAS HORTAS DO IPB

A grande maioria dos utilizadores é natural dos distritos de Bragança e Vila Real e predominando o género feminino, embora a proporção dos géneros seja muito próxima: 55% mulheres e 45% homens. A maioria encontra-se na classe de idade entre 51 e 60 anos, sendo a média de idades 53,5. A classe jovem (até 40 anos) representa 17% dos inquiridos, sendo 22 anos a menor idade observada.

Trabalhos e produções da horta são frequentemente partilhados entre casais e amigos, sendo menos comum os utilizadores adquirirem uma horta sozinhos. Foi possível verificar também que cinquenta e nove dos inquiridos são casados contribuindo assim para que exista uma expressiva maioria de casais que trabalham juntos na horta (22 casais).

Quando questionados sobre o seu agregado familiar as respostas de uma forma geral envolviam filhos e netos que embora não pertencessem ao agregado frequentavam assiduamente a casa sobretudo nas refeições. Com a questão procurou-se saber quem consumia os produtos da horta e as respostas envolveram sempre o agregado doméstico propriamente dito (como as pessoas que vivem permanentemente na casa) ou o agregado doméstico mais um numero de outras pessoa que, não residindo, aparecem frequentemente sobretudo nas refeições diárias. Comuns foram também as respostas de ofertas ou trocas de produtos com vizinhos e amigos.

[Quem pertence ao agregado?]

“O casal (...)e tenho cá um filho () ainda vai lá almoçar connosco (...).”

Casal de hortelãos, 56 e 58 anos, ligação à agricultura apenas na infância.

[quem consome os produtos?]

“É em casa mas cheguei a dar. Também para dar a prova da minha horta.”

Hortelão, 43 anos, ligação à agricultura apenas na infância.

“Os filhos no natal [altura em que se juntaram] levaram 7kg de cebola congelada já cortada (...)” [transformação necessária para aproveitar a cebola que não secou bem e que por isso se não fosse consumida estragar-se-ia].

Hortelã, 62 anos, ligação à agricultura na infância e atualmente apenas através de familiares.

A partir da amostra inquirida é possível verificar que existe grande diversidade de graus de escolaridade sendo que a frequência de ensino superior prevalece sobre os restantes níveis, fato explicado pela adesão à iniciativa de uma larga proporção de funcionários, docentes e discentes do IPB.

Relativamente a atividade e reforma sensivelmente um terço dos utilizadores está reformado (23 utilizadores) notando-se entre este grupo maior permanência e dedicação nas hortas. Todos os inquiridos vivem na cidade de Bragança e a maior distância percorrida entre casa e as hortas é de 3,5Km que corresponde a um tempo máximo de deslocação (a pé) de 30min.

Cinquenta e dois inquiridos afirmaram ter ligação à agricultura. Esta ligação era permanente no caso dos utilizadores provenientes de meio rural próximo da cidade com familiares a viver nesses locais. Estes utilizadores afirmaram frequentar o meio rural e executar tarefas agrícolas amiúde, normalmente ao fim de semana.

“Eu fui criada na agricultura mas agora não vou sempre por lá. Às vezes vou por lá ajudar e também trago produtos para mim e para os filhos. Fui criada na agricultura e por isso gosto de vir por aqui entre.”

Hortelã, 65 anos, ligação à agricultura na infância e atualmente apenas através de familiares.

Outro grande grupo dos que possuem conhecimentos agrícolas é composto por aqueles que nasceram e viveram a sua infância em meio rural.

“(…) não tenho grandes problemas em cultivar isto, que sempre vi como se faz (...)”

Hortelão, 60 anos, ligação à agricultura na infância.

4.2. MOTIVAÇÕES E PROPÓSITOS DOS UTILIZADORES

Quando questionados sobre a razão da adesão ao projeto hortas do IPB, os utilizadores referiram várias motivações e pretensões. De acordo com as respostas foi possível agrupar dez motivações ou propósitos.

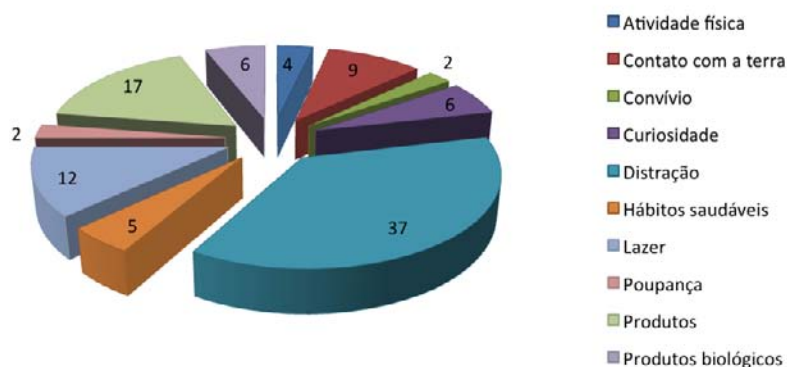


GRÁFICO 1: NÚMERO DE RESPOSTAS DOS INQUIRIDOS PARA CADA UMA DAS MOTIVAÇÕES;

Assim, na motivação Distração foram consideradas respostas tais como: passar o tempo, distração, ocupar o tempo, passatempo, “desopilar”, ocupação.

[Durante a entrevista casal começa a discutir sobre o preço cobrado pelo arrendamento da horta e por ultimo o marido responde:]

“(...) pois tudo bem, por mim tudo bem. Nós também é só para passar o tempo!”

Casal de hortelãos, 56 e 59 anos, ligação permanente à agricultura.

Foram classificadas como Convívio todas as respostas que referiam promoção de relações interpessoais como conviver e conversar com os vizinhos hortelãos.

Em Lazer encontram-se todas as respostas que contem especificamente a palavra lazer uma vez que foi a resposta mais frequente. Como lazer engloba muitas atividades normalmente, na resposta a esta questão, os inquiridos acrescentavam mais motivações que se inserem nas restantes categorias.

“Divertir-me um pedaço. Foi no sentido mais do lazer (...)”

Hortelão, 37 anos, sem qualquer ligação á agricultura.

O mesmo acontece com Atividade física na qual se encontram todas as respostas que contêm especificamente a referência ao exercício físico;

“Queria mesmo tirar os produtos daqui, e também fazemos ginástica, vimos muito contentes falamos com gente é uma festa.”

Casal de hortelãos, 55 anos, com ligação à agricultura esporadicamente através de familiares.

Quando os inquiridos valorizavam a alimentação as respostas foram agrupadas em Hábitos saudáveis mas quando referiam especificamente a valorização de ausência de utilização de produtos químicos foram agrupadas em Produtos biológicos.

O propósito Contato com a terra engloba todos os objetivos relacionados com a natureza: contato, ver crescer... e Curiosidade engloba respostas como “querer conhecer, ver como é...”

Os propósitos relacionados com Produtos e Poupança concentram cujos objetivos são a obtenção de produtos hortícolas no primeiro e a tentativa de poupança do orçamento familiar no segundo.

-Eu quando ia para a horta para o pé dos meus avós só ia colher e não tratava de tudo agora vi desde que botei na terra até colher foi para mim um sonho eu vir aqui à horta enfim, posso vir chateada e aborrecida, vou para a horta vou radiante, converso com uma vizinha e com outra vejo as hortas dos outros, a minha até está boa! ()”

Hortelã, 54 anos, ligação à agricultura na infância.

4.3. PRODUÇÕES E CONSUMOS

A atividade nas hortas do IPB é maior na época de primavera-verão devido às características climáticas da região que impedem a produção de hortícolas sem recurso a forçagem com exceção de algumas crucíferas tolerantes às baixas temperaturas. Assim que se inicia a primavera começam também as primeiras operações culturais de preparação do terreno e sementeiras numa azáfama constante.

Os hortelãos trocam impressões entre si, e pouco a pouco as hortas vão tomando vida após um inverno triste.



GRÁFICO 2: FREQUÊNCIA DE CULTIVO DE HORTÍCOLAS NA ÉPOCA DE PRIMAVERA-VERÃO

Existem culturas preferidas por todos os hortelãos, muito devido á gastronomia local. Assim, o tomate aparece nas 51 hortas que, juntamente com a alface (*Lactuca sativa* L.), a cebola (*Allium cepa* L.) e o feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), são as culturas mais populares. Relativamente à produção de tomate (*Solanum lycopersicum* L.) e feijão as culturas foram normalmente tutoradas o que permitiu o seu cultivo na vertical poupando espaço para outras culturas.

Culturas como batata (*Solanum tuberosum* L.), melão (*Cucumis melo* L.), melancia (*Citrullus lanatus* (Thunb.) Matsum. & Nakai) e abóbora (*Cucurbita maxima* L) foram pouco utilizadas nas hortas por serem plantas que ocupam muito espaço ao longo do seu crescimento e porque estas produções são geralmente baratas.



GRÁFICO 3: FREQUÊNCIA DE CULTIVO DE HORTÍCOLAS NA ÉPOCA DE OUTONO-INVERNO;

Na época de Outono-Inverno verificou-se que muitos dos utilizadores abandonavam total ou parcialmente as suas hortas devido à pouca diversidade de hortaliças possíveis nesta época. Entre essas culturas, uma das

mais frequentes devido às tradições gastronómicas da época natalícia: é a tronchuda ou penca (*Brassica oleracea* grupo *Costata*) que é uma couve consumida na ceia de Natal.

Culturas realizadas todo o ano

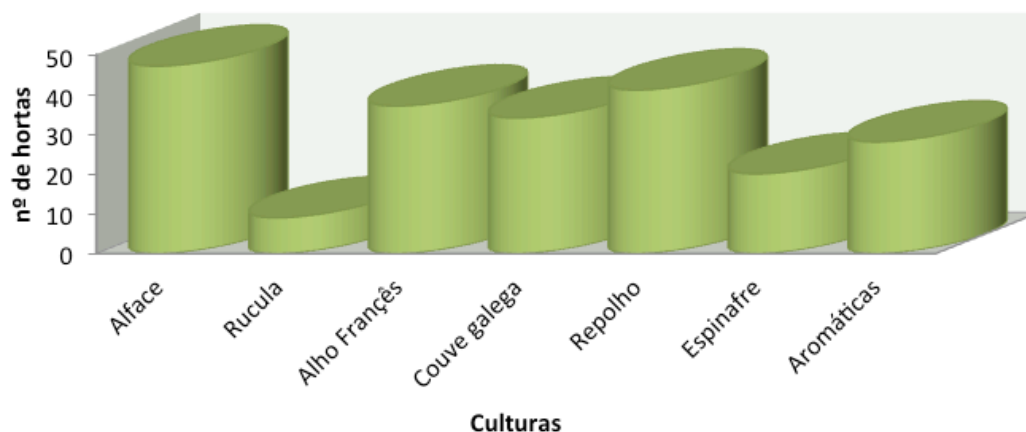


GRÁFICO 4: NUMERO DE HORTAS COM DIFERENTES CULTURAS SAZONAIS;

Algumas culturas foram permanecendo nas hortas ao longo do ano como a couve-galega (*Brassica oleracea* var *acephala* L.), a rúcula (*Eruca sativa* Mill) e várias aromáticas uma vez que algumas são indiferentes ao fotoperíodo e resistentes a temperaturas baixas. Outras como a alface ou o alho francês (*Allium ampeloprasum* L.) também permaneceram ao longo do ano, sendo repostas após a colheita. Das 51 hortas, 23 não tem aromáticas. Tal acontece sobretudo quando os utilizadores possuem condições para terem estas culturas em casa.

A floricultura esteve também presente em várias hortas ornamentando-as. Por vezes as flores eram colhidas e utilizadas em arranjos florais.

Existem também culturas menos comuns como, guindas (*Capsicum frutescens* L.) ou quiabo (*Abelmoschus esculentus* (L.) Moench), pouco utilizadas na dieta mediterrânica mas que aparecem nas hortas devido a influências africanas de alguns hortelãos. Outras como rabas (*Brassica napus* L. grupo *Napobrassica*), couve roxa (*Brassica oleracea*, grupo *Capitata Rubra*), milho (*Zea mays* L.) ou grão-de-bico (*Cicer arietinum* L.) estão associadas a gostos gastronómicos dos próprios. Verificou-se também o cultivo de pequenos frutos arbustivos como mirtilo (*Vaccinium myrtillus* L.), framboesa (*Rubus idaeus* L.) e amora (*Rubus* sp.pl.) na época de 2013 acompanhando novas tendências de consumo.

Com algum orgulho os hortelãos mostravam as suas novas espécies e mesmo variedades pouco comuns como o tomate roxo ou a courgette (*Cucurbita pepo* L.) em forma de pera. Trocavam ou ofereciam entre si, no início da época, jovens plantas ou sementes e no final da época adquiriam sementes provenientes de hortas vizinhas por terem gostado do desempenho de determinadas culturas.

Quando questionados sobre o consumo dos produtos da horta e compra de hortícolas para consumo, foi frequente os hortelãos referirem que no verão deixavam de comprar legumes e consumiam os da sua horta; este consumo poder-se-ia prolongar por vários meses através de métodos de conservação como a congelação, conserva em vinagre, conserva em açúcar ou secagem. Outro método, mais elaborado, consistia na prepara-

ção dos legumes com pré-cozedura e condimentos, acondicionados em frascos em vácuo. Desta forma grande parte dos hortelãos obtinha produtos para consumo ao longo de vários meses evitando a sua compra.

“Cebola ainda não comprei () tomate, era um tomate maravilhoso, consumi, dei, estragou-se e tenho a arca cheia.”

Hortelã, 38 anos, com ligação esporádica à agricultura através de familiares.

“Nós dividimos para os filhos, temos 3 filhos cá e damos-lhes. Congelei um pouco de feijão. Desde que tenho a horta nunca mais comprei hortaliça. Agora comemos muito mais vegetais em verde. Dantes também fazia mas agora é todos os dias e muito mais vezes legumes frescos. Dantes às vezes comprava mais congelados. Também congelo alguns legumes e faço algumas conservas.”

Casal de hortelãos, 56 e 59 anos, com ligação à agricultura na infância.

Notou-se também que alguns hortelãos modificaram hábitos alimentares, quer pelo aumento da ingestão de hortícolas – introdução de sopas e saladas - quer pela modificação da sua gastronomia, introduzindo hortícolas em vários pratos.

“(...) muito. Quase não fazia sopa e agora não passamos sem ela. É que não tem nada haver o feijão daqui com o feijão que agente compra.”

Hortelã, 38 anos, sem ligação à agricultura.

“Antes não consumíamos muita salada e agora sim. A minha filha não comia tomate e agora abre-os ao meio e come-os só com sal.”

Casal de hortelãos, 42 anos, homem sem ligação à agricultura e mulher com ligação na infância em meio rural.

5. PRODUÇÃO E VALOR DE UMA HORTA-ESTUDO DE CASO

A partir de dados fornecidos por um hortelão acerca das quantidades de hortícolas que produziu na época de Primavera-Verão de 2012 foi possível avaliar o potencial produtivo de uma horta.

O hortelão começou a registar o peso dos produtos obtidos, por curiosidade, a partir do mês de Agosto.

A contabilização dos mesmos diz respeito aos meses de agosto, setembro e Outubro e os resultados estão em quilogramas por mês; completamos o quadro abaixo obtendo uma estimativa do valor (em euros) das produções obtidas por esta parcela, utilizando um preço médio de venda ao consumidor baseado na consulta de valores de mercado na página web do Gabinete de Planeamento e Políticas (GPP).

TABELA 1: CONTABILIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO DAS PRODUÇÕES DA HORTA ESTUDADA.

	Agosto	Setembro	Outubro	Total (Kg)	Preço médio	Valor total
Alface	0,3	0,1	-	0,4	1,50 €	0,60 €
Alho Francês	0,6	-	-	0,6	1,00 €	0,60 €
Beringela	2,9	2,9	-	5,8	1,19 €	6,90 €
Bróculos	0,3	-	-	0,3	1,00 €	0,30 €

Cebola	2,1	16,9	-	19	1,50 €	28,50 €
Courgette	49,8	29,1	1,2	80,1	0,90 €	72,09 €
Feijão	22,05	0,75	-	22,8	2,25 €	51,30 €
Pimento	4,1	3,1	-	7,2	1,49 €	10,73 €
Pepino	0,9	3,45	-	4,35	0,98 €	4,26 €
Repolho	5,1	5,8	-	10,9	0,90 €	9,81 €
Tomate	3,4	71,25	12,5	87,15	1,48 €	128,98 €

Notou-se que, hortelãos cujo envolvimento com a agricultura era pouco ou nulo, no primeiro contato com as produções de primavera-verão da sua horta, surpreendidos, geralmente pesavam as hortícolas com maiores produções de forma a verificarem com maior exatidão o potencial produtivo de determinadas culturas, bem como autoelogiarem-se com o seu maneio cultural.

Neste caso o hortelão, sem experiência agrícola, pesou todos os produtos, referindo na entrevista (realizada em 2013) que a razão de o fazer foi para concluir se o pagamento simbólico anual sobre a exploração da horta (no máximo 70€) era justificado pelos produtos que daí retiraria.

Não tendo em conta o número de plantas nem a disposição destas na horta admite-se que a gestão e o maneio cultural deste hortelão foi mediana e por isso as produções serão médias relativamente aos restantes hortelãos, note-se porém que na sua maioria os utilizadores das hortas possuem conhecimentos na área agrícola e que em geral têm maior diversidade cultural nas suas hortas.

Em Agosto, o primeiro mês em que o hortelão começou a registar pesos as maiores colheitas foram de feijão-verde e courgette, de acordo com o ciclo vegetativo destas culturas (transplantação em Maio). Culturas como tomate, alface e cebola foram sendo colhidas neste mês antes da plena maturação para consumo diário, tendo sido feita a colheita do tomate, da cebola e do pepino (*Cucumis sativus* L.) em final de ciclo no mês de Setembro. O pimento (*Capsicum annuum* L.) foi sendo colhido verde ou vermelho conforme a vontade e apetite do agregado assim como o repolho (*Brassica oleracea* grupo *Capitata*) e a beringela (*Solanum melongena* L.). O hortelão teve pouca produção de alho francês e brócolos (*Brassica oleracea* grupo *Italica*) referindo que o insucesso destas culturas se deveu aos seus reduzidos conhecimentos agrícolas uma vez que ele próprio verificou produções mais aceitáveis nas hortas vizinhas.

Atribuindo um valor médio por quilograma de cada cultura é possível transformar os produtos obtidos num valor monetário que, apesar de não contribuir como rendimento do agregado familiar, indiretamente interfere na gestão do seu orçamento.

Admitindo um valor de 314,08€ no total de todos produtos e ao longo de três meses produtivos será possível admitir uma poupança mensal de 104,69€ neste período, graças à dispensa na compra de hortícolas. Claro que a disponibilidade das mesmas não é constante mas é suficientemente abundante e passível de conserva para consumo mais prolongado. Cabe ao hortelão gerir as quantidades dos produtos que colhe e, não conseguindo consumi-los, pode conservá-los ou ofertá-los.

Assim e em termos de orçamento familiar, utilizando como base de cálculo o valor de 485€ (quatrocentos e oitenta e cinco euros) que corresponde ao salário mínimo mensal em Portugal continental em vigor desde

2011 até à atualidade, estimamos qual a importância desta poupança em termos de rendimento anual admitindo que a produção foi apenas a registada e que o rendimento anual corresponde a 14 meses (12 meses mais subsídio de férias e subsídio de natal). Assim conclui-se que para o orçamento familiar composto por um salário mínimo o valor em hortícolas corresponde a 4,63% que se traduz em poupança anual. Para um orçamento composto por dois salários mínimos corresponde a 2,31% do orçamento e para três salários mínimos corresponde a 1,54%.

Claro está que, quanto menor é o orçamento familiar maior é a importância da poupança na compra de legumes. Não deixa de ser interessante frisar que no ano de 2013, em Portugal os funcionários públicos, tiveram cortes nos seus salários, nomeadamente subsídios de férias e natal, devido a medidas de austeridade.

Demonstra-se assim que a produção destas hortas, não sendo imprescindível, não deixa de ser um interessante apoio no consumo familiar.

6. NOTAS FINAIS

A adesão da comunidade ao projeto hortas do IPB foi muito satisfatória mostrando a vontade da população em geral de praticar agricultura urbana.

Os utilizadores, de várias classes etárias, têm diferentes origens e conhecimentos agrícolas o que se traduz em perspetivas distintas relativamente ao projeto.

De uma forma geral a produção de hortícolas contribui para a poupança no orçamento familiar na medida em que, pelo menos enquanto a horta está em produção, os seus utilizadores não têm necessidade de comprar os mesmos legumes que têm na horta.

Nesta medida, o apoio e incentivo à adesão a estes projetos relacionados com a prática de agricultura urbana, por parte de entidades públicas ou privadas é de toda uma mais-valia para a população.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, A.M.R.S.M.,2012. **Hortas Urbanas-Contributo para a sustentabilidade. Caso de estudo: “Hortas Comunitárias de Cascais”**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Nova de Lisboa.
- Leite, I.A.S., 2012. **Hortas urbanas – Dimensões ambiental e social**. Dissertação de mestrado. Departamento de ambiente e ordenamento da Universidade de Aveiro.
- Matos, R.S.,2010. **A reinvenção da multifuncionalidade da paisagem em espaço urbano – Reflexões**. Dissertação de doutoramento. Instituto de Investigação e Formação Avançada. Universidade de Évora.
- Mongeeot, J.A.Luc, 1999. **Urban Agriculture: Dedinition, Presence, Potentials and Risks, and Policy Challenges**. International Workshop on Growing Cities Growing Food: Urban Agriculture on the Policy Agenda,La Habana, Cuba.
- Pinto, F.R.S., 2007. **Hortas Urbanas: Espaços para o Desenvolvimento Sustentável de Braga**. Dissertação de mestrado. Escola de Engenharia. Universidade do Minho.

Rodrigues, M.A. *Et al*, 2013. **Boas prácticas agroecológicas em horticultura urbana**, VII Congreso Ibérico de Agroingeniería y Ciencias Hortícolas, Livro de resumos, pág. 154, Universidade Politécnica de Madrid.

Saraiva, R.A., 2011. **As hortas urbanas na reconfiguração física, social e ambiental de Oeiras**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e humanas. Universidade Nova de Lisboa.

PÁGINAS CONSULTADAS

<http://www.fao.org/urban-agriculture/en/> : Página consultada em 25 de Abril de 2014;

www.ipb.pt : Página consultada em 25 de Abril de 2014;

<http://www.gpp.pt/cot/> : Página consultada em 10 de Novembro de 2013;

www.ine.pt : Página consultada em 25 de Abril de 2014, documento Censos 2011;

<http://www.theplantlist.org/> : Página consultada a 25 de Abril de 2014 sobre nomenclatura científica de acordo com a referência The Plant list 2013;